

# A INVENÇÃO DOS OBJETOS TÉCNICOS E A ATIVIDADE ARTÍSTICA: UMA LEITURA DE GILBERT SIMONDON

## THE INVENTION OF OBJECTS TECHNICAL AND ARTISTIC ACTIVITY: A GILBERT SIMONDON READING

Jairo Dias Carvalho<sup>1</sup>

Recebido: 10/2016

Aprovado: 05/2017

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é explicitar a relação entre a noção de invenção dos objetos técnicos de Simondon e a atividade artística a partir de algumas sugestões feitas por ele acerca do sentido da Arte. Buscamos compreender a necessidade da existência da atividade artística para o homem a partir da tematização da necessidade da existência da realidade técnica feita por Simondon.

**Palavras-chave:** Estética, Invenção, Objetos artísticos, Objetos técnicos, Simondon.

**Abstract:** The objective of this work is to explain the relationship between the notion of invention of technical objects of Simondon and artistic activity from suggestions made by him about the meaning of Art. We seek to understand the need of the existence of artistic activity for the man from the thematization of the necessity of the existence of technical reality made by Simondon.

**Keywords:** Aesthetics, Invention, Artistic objects, Technical objects, Simondon.

### **A invenção dos objetos técnicos**

A filosofia da tecnologia de Simondon formula uma instigante noção e teoria do problema como gênese da realidade técnica. Tentaremos aplicar esta teoria à atividade artística mostrando que na sua gênese também está também a tentativa de resolução de um problema. Ao tematizar a invenção dos objetos técnicos, Simondon nos disponibiliza um conceito de problema em geral. A forma em geral de um problema pode ser definida como a tendência ao aumento de diferença entre duas realidades, o que se chama “disparidade”. Ela produz uma incompatibilidade, hiato e descontinuidade entre realidades. Um problema em geral se apresenta em torno das noções de disparidade, hiato e descontinuidade. O díspar é aquilo que destoa e produz uma desconformidade e uma desigualdade entre realidades. Trata-se de algo que provoca uma determinada relação desproporcionada, irregular, discordante e discrepante. A disparidade pode ser definida como uma incompatível quantidade de diferença entre duas realidades, o que se chama “diferença de nível ou de fase”. O problema é uma situação extrema e incapacidade de relação e interação entre realidades.

Para Simondon os objetos técnicos são inventados. A invenção é uma gênese. O que implica que eles não são descobertos ou “encontrados” e utilizados. A gênese não é apenas inovação, mas posição de existência mesmo que ela não implique uma novidade em relação àquilo que existia

---

<sup>1</sup> Pós Doutor em Filosofia pela UFGM, professor associado três da UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-UFU. Estuda a aplicação do conceito de mundos possíveis em Estética e Filosofia da Arte e Filosofia da Tecnologia de Simondon, Feenberg e Álvaro Vieira Pinto. Email: [jairod.c.8@hotmail.com](mailto:jairod.c.8@hotmail.com)

Problemata: R. Intern. Fil. V. 8. n. 2 (2017), p. 5-18 ISSN 2236-8612

doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v8i2.31049>

anteriormente. O conceito de invenção é tanto um instrumental conceitual de análise da realidade técnica quanto um critério de caracterização do que é propriamente técnico, do que faz da técnica uma ordem original de realidade. A invenção constitui o que podemos chamar de “realidade técnica”: método, ferramenta, instrumento, aparelho, dispositivo, máquina e rede técnica. Ela surge da necessidade de resolução de um determinado tipo de problema. À invenção corresponde:

A um problema, quer dizer, à interrupção por um obstáculo, por uma descontinuidade jogando o papel de barreira na realização operatória contínua em seu projeto. É problemática uma situação que dualiza a ação, fatiando-a e separando-a em seguimentos, seja porque falta um meio termo, seja porque a realização de uma parte da ação destrói outra parte igualmente necessária; hiato e incompatibilidade são os dois modos problemáticos fundamentais, eles se referem à unidade sob as espécies de uma falta de adaptação intrínseca da ação a ela mesma nas suas diferentes sequências e em seus subconjuntos ou componentes que elas implicam. As soluções aparecem como restituições de continuidade autorizando a progressividade dos modos operatórios, segundo um encaminhamento anteriormente invisível na estrutura da realidade dada (SIMONDON, 2008, p.139).

O problema que gera a realidade técnica é da ordem do obstáculo, daquilo que impede determinada continuidade operatória entre homem e meio. Ele é aquilo que produz uma descontinuidade operacional entre os dois e tensão ou polarização da ação. A continuidade de uma operação é interrompida por um obstáculo que constitui polaridades. Trata-se de um problema de hiato, de disparidade, de aumento da tendência à divergência e de incompatibilidade e descontinuidade operacional entre realidades. O homem e o meio entram em disparidade operacional e por causa disso será necessária uma espécie de mediação entre eles. Para restituir a continuidade, reparar o hiato, e superar a incompatibilidade operacional entre homem e meio será preciso uma invenção. Será ela que fará aparecer artificialmente a compatibilidade perdida. A invenção técnica é a atividade intelectual de resolução de problemas, de superação da descontinuidade e da incompatibilidade entre realidades disparatadas operacionalmente. A invenção (técnica) é a resposta a uma tensão entre duas ordens de grandezas sem comunicação (operacional). Quando duas ordens se tornam disparatadas será necessária uma mediação para entrarem em comunicação interativa. A mediação será a saída daquela situação problemática. Toda mediação é inventada e toda mediação é a tentativa de encontrar uma comunicabilidade entre realidades que por algum motivo divergiram e se tornaram incompatíveis e díspares. A invenção técnica é constituição de uma ordem mediata que vai transformar a disparidade e tensão em estrutura. A mediação é feita pela (invenção) constituição dos objetos técnicos. A atividade técnica é, assim, uma

das atividades mediadoras entre homem e natureza. Sua especificidade é a constituição de modos de mediação (operacional) que produzem a resolução das situações problemáticas, entendidas como disparidade e descontinuidade operacional. A invenção técnica é a atividade construtora de objetos mediadores que permitirão ao homem resolver situações de aumento de diferença entre ele e o meio do ponto de vista operacional. As soluções técnicas serão restituições de continuidade dos modos operatórios do homem em relação ao meio. Chamaremos de “problema técnico do homem” aquele que se refere ao hiato operacional causado por um obstáculo configurando uma disparidade ou aumento da diferença de temperatura, distância, acidez, aspereza, entre homem e meio. Como diz Simondon: “Objetos intermediários são necessários para salvaguardar a integridade do corpo desde que o objeto é fortemente heterogêneo em relação ao organismo, segundo uma de suas características (temperatura extrema, acidez, causticidade, toxicidade)” (SIMONDON, 2008, p.142). O objeto técnico é um intermediário (uma interface) que opera como um mediador entre forças que tendem a aumentar sua diferença entre si. A mediação é um sistema de adaptação entre realidades disparatadas. Os objetos técnicos constituem, assim, um meio intermediário ou interface entre homem e natureza.

A construção de objetos mediadores ou técnicos será o cerne da invenção; eles serão os mediadores operacionais e artificiais das situações de incomunicabilidade, hiato e descontinuidade entre realidades. Simondon diz que devemos considerar o objeto criado como um mediador de relação entre os seres vivos e o meio:

Pela invenção, a compatibilidade interna intrínseca do organismo se estende a uma situação que, primitivamente, como problema, não realiza esta compatibilidade, mas existem diferentes níveis de descoberta da mediação realizando a compatibilidade; se a mediação consiste somente em um modo operatório modificado ou suplementar, ele é menos complexo que quando faz intervir um objeto intermediário donde a seleção e o uso demandam modos operatórios mediatos; o desvio pelo instrumento, em efeito, não é somente um desvio operatório, ele supõe também um desvio cognitivo, uma subordinação da cadeia de seleção ou de fabricação do objeto em busca do fim, com substituição temporária do objeto instrumento ao objeto fim; um caso intermediário entre a invenção de desvio e a mediação instrumental é o uso, como objetos intermediários, de animais ou mais geralmente de seres vivos, que não são necessários de serem construídos, mas somente de serem escolhidos, de serem capturados, de serem elaborados, e desenvolvidos. (SIMONDON, 2008. P. 142-43).

A realidade técnica apara para o homem, daí a noção de aparelho, as diferenças de ordens de grandeza entre ele e o meio selvagem, hostil, íngreme, áspero ou disparatado. A invenção como resolução de problemas produzirá objetos mediadores entre a disparidade do organismo e o meio constituindo a

realidade técnica como um universo de mediações operatórias. Assim, a realidade técnica e a invenção técnica advêm da atividade de resolução de problemas. Atividade técnica é uma atividade construtora de objetos mediadores que permitirão ao homem resolver situações de incompatibilidade e descontinuidade operacional. A construção de objetos mediadores ou técnicos é o cerne da invenção.

Mas, o objeto técnico é apenas um caso da invenção de mediação. Há muitos tipos de mediações realizados pelas técnicas. A mais simples é o desvio em relação a um obstáculo, outro tipo é a associação de muitos indivíduos para modificar as condições de ação. Embora existam estes outros meios para restabelecer a compatibilidade intrínseca e extrínseca perdida com a ação dualizada, o mais importante é a fabricação de um objeto, que é destacável da ação do sujeito e transmissível universalmente como solução do problema. O desvio ou mesmo uma ação comum deixam apenas uma estrutura na memória interna da experiência do sujeito ou do grupo que realizou a invenção. Estas respostas podem ser codificadas, o que se chama “formalização”. Já a fabricação de um objeto é algo concreto, e é isto que pode ser chamada de desvio pelo objeto. O objeto técnico é ponto de encontro dos meios humano e natural. Ele constitui um meio intermediário e associado entre o humano e natural. O ato de invenção constitui, assim, um meio associado mediano termos que se tornaram incompatíveis. Isto significa que o domínio dos objetos técnicos constitui um meio de codeterminação entre meios que se descontinuaram. A invenção produz uma codeterminação entre natureza e homem produzindo um meio ambiente artificial. O objeto técnico é ponto funcional entre realidades heterogêneas: o organismo e seu meio. Portanto, a incompatibilidade entre homem e natureza é resolvida pela invenção de um objeto mediador entre o organismo e o meio. O objeto criado é por sua origem e função um sistema de acoplamento entre o vivo e seu meio, um ponto duplo no qual o mundo subjetivo e o mundo objetivo se comunicam.

A invenção técnica é a solução de uma situação problemática da ação do sujeito pela mediação que o objeto técnico realiza entre o homem e a natureza. A aparição da invenção na atividade humana se faz de maneira progressiva por recurso aos objetos, que de simples coadjuvantes no início tornam-se relevantes e independentes ao concretizar, condensar e organizar em sistemas de compatibilidade, uma pluralidade de funções simultâneas e sucessivas. A mediação tecnológica é primeiramente constituída pela função de acoplamento, conexão entre organismo e meio do ponto de vista biológico, sendo o mediador um adaptador de impedimentos que realiza um prolongamento das efetuações e a transformação dos impedimentos. Por isso, o objeto técnico é, por um lado, um mediador entre organismo e meio, e por

outro lado, uma realidade interiormente organizada e coerente. É esta criação de objetos técnicos a maneira de restabelecer a compatibilidade intrínseca do organismo e a compatibilidade extrínseca entre o organismo e o meio. A invenção como resolução de problemas produz objetos mediadores entre a disparidade do organismo e o meio constituindo a realidade técnica como um universo de mediações operatórias.

Simondon diz que: “Devemos estender a noção de desvio ao conjunto das situações problemáticas, compreendendo aquelas que asseguram a compatibilidade da ação e situação pelo intermediário de um instrumento ou pela criação de uma obra de arte”. Esta afirmação nos permite pensar o sentido da atividade artística. Por causa dela, a obra de arte será pensada como sendo um determinado tipo de mediação que também tentaria resolver um problema de hiato e de descontinuidade. A invenção artística é também resposta a um problema. Mas a qual problema? Qual tipo de incompatibilidade e de hiato visa a arte reparar?

Uma obra de arte não é uma mediação de resolução de uma situação de descontinuidade operacional ou de hiato entre homem e meio. Se o conceito de invenção técnica pode servir para pensar a atividade artística, como acredita Simondon, então, esta última deve estar baseada no conceito em geral de problema pensado como hiato, disparidade, tendência ao aumento de diferença, descontinuidade entre realidades. Mas, como aplicar este conceito de problema à arte? Se a reparação da descontinuidade e do hiato operacional é feita pela atividade técnica por meio da invenção de objetos qual é a necessidade da existência dos objetos artísticos? Será que a atividade artística deve ser também uma atividade mediadora que produz a reparação de continuidade? De qual tipo seria ela? O que seria o problema “artístico” do homem? Que tipo de problema a atividade artística visa responder?

### **O objeto artístico**

Para Simondon o domínio das obras de arte não esgota a experiência estética. Ela revela a tendência do homem a buscar a totalidade. A estética é uma experiência que ultrapassa a experiência da arte. A arte nasce do impulso estético, mas não se confunde com ele. Como para Simondon atividade técnica é a formalização objetiva do trabalho ou a formalização do fazer, a atividade artística será a formalização subjetiva do lazer. As duas atividades possuem finalidades diferentes: a invenção técnica busca um funcionamento viável e a invenção artística busca uma eficácia estética.

Simondon diz que “o pensamento estético, não é jamais de um domínio

limitado nem de uma espécie limitada, mas somente de uma tendência: ela é o que mantém a função de totalidade... o que mantém a lembrança da unidade... ela busca a totalidade do pensamento e visa recompor uma unidade por relação analógica lá onde a aparição de fases poderia criar o isolamento mútuo do pensamento em relação a si mesmo” (SIMONDON, 1989, p.179). Ele diz também que “para que as obras de arte sejam possíveis é preciso que sejam tornadas possíveis por uma tendência fundamental do ser humano e pela capacidade de experimentar em certas circunstâncias reais e vitais a impressão estética” (Idem, 1989, p.180). A estética é algo mais do que o domínio das obras de arte. Um dos seus sentidos é o de ser uma tendência à busca de totalidade, e esta tendência está no cerne da constituição das obras de arte: “A obra de arte fazendo parte de uma civilização utiliza a impressão estética e satisfaz, às vezes artificialmente e de maneira ilusória, a tendência do homem a buscar, quando ele exerce certo tipo de pensamento, o complemento em relação à totalidade” (Ibidem, 1989, p.180). Então, parece que o problema que é tratado pela invenção artística é o problema da totalidade. Simondon diz que:

Seria insuficiente dizer que a obra de arte manifesta a nostalgia do pensamento mágico, de fato, a obra de arte dá o equivalente do pensamento mágico, porque ela reencontra a partir de uma situação dada e segundo uma relação analógica estrutural e qualitativa, uma continuidade universalizante em relação às outras situações e às outras realidades possíveis. A obra de arte refaz um universo reticular, pelo menos para a percepção (SIMONDON, 1989, p.180).

A obra de arte não reconstrói realmente o universo mágico primitivo já que para Simondon o universo estético é parcial e inserido e contido no universo real e atual. O pensamento estético busca encontrar um equivalente da totalidade mágica. Ele diz que a impressão estética implica o sentimento da perfeição completa de um ato, que se torna um ponto notável da realidade vazia, um nó da realidade experimentada. Este ato torna-se um ponto notável da rede da vida humana inserida no mundo. Cria-se, assim, um análogo da rede mágica do universo. Para Simondon a característica estética de um ato ou de uma coisa é sua função de totalidade, sua existência subjetiva e objetiva como ponto destacável. Todo ato torna-se, assim, capaz de tornar-se ponto destacável de uma nova reticulação do universo. É a dimensão estética que impulsiona esta busca, já que é a tendência à totalidade que produz a seleção destes pontos notáveis. Por isso a estética é uma dimensão mais ampla que a atividade artística.

Simondon tinha definido a unidade mágica como um universo estruturado em pontos-chaves, rede de lugares e momentos privilegiados antes de toda constituição de uma objetividade e de uma subjetividade na relação do

homem com o mundo, então o que foi rompido na passagem da magia às técnicas e à religião foi a estrutura de universo, a reticulação de pontos-chaves que era a mediação direta entre o homem e o mundo. Assim, a atividade estética reconstituiu analogicamente esta estrutura de reticulação, primeiro pela inserção de obras no mundo, segundo pela inspiração para a criação de obras de arte que simbolizam aquela totalidade mágica. O “universo estético” será, então, o conjunto das produções artísticas e impressões estéticas e mundo intermediário entre o mundo e o homem. A atividade estética:

Não pode preservar realmente no mundo a reticulação mágica, pois ela não pode substituir as técnicas e as religiões, o que seria recriar a magia... a preserva construindo um mundo no qual ela pode continuar a existir, e que é ao mesmo tempo técnico e religioso, ele é técnico porque é construído no lugar de ser natural, e que ele utiliza o poder de aplicação dos objetos técnicos ao mundo natural para fazer o mundo da arte, ele é religioso no sentido em que este mundo incorpora as forças, as qualidades, as características de fundo que as técnicas deixam de lado, no lugar de as subjetivar como faz a religião religiosa universalizando-as, ao lugar de as objetivar fechando-as no utilitário ou instrumento, como faz o pensamento técnico, operando sobre as estruturas figurais dissociadas, o pensamento estético, restando no intervalo entre a subjetivação religiosa e a objetivação técnica, se limita a concretizar as qualidades de fundo por meio de estruturas técnicas: ela faz assim da realidade técnica, uma nova mediação entre o homem e o mundo, mundo intermediário entre o homem e o mundo (SIMONDON, 1989, p. 182-183).

A atividade artística, a partir de uma situação de disparidade, através de uma analogia propõe uma continuidade universalizante das situações e de outras realidades possíveis: “A obra de arte refaz um universo reticular, pelo menos para a percepção”. Não se trata de uma reconstrução da reticulação do universo mágico, já que “o universo estético é parcial, inserido e contido no universo atual”, mas de buscar o equivalente (daí a noção de analogia, como aquilo que vale como) da totalidade mágica. Cria-se, assim, pela arte um análogo da rede mágica do universo. E ela faz isto, segundo Simondon, construindo um mundo como se (ele) fosse semelhante à reticulação mágica do mundo, como mundo com sentido.

A atividade artística utiliza o poder de aplicação dos objetos técnicos ao mundo natural para fazer o mundo da arte. Mas, a atividade artística em vez de produzir uma nova reticulação do mundo, cria e permite acessar um mundo internamente reticulado e ordenado. Um objeto artístico é, assim, um suporte para experiências de outras possibilidades de ordens, de mundos. A atividade estética geradora da arte é, então, a atividade que restabelece para a percepção a noção de todo, da integração a um todo. Se a atividade técnica nasce da disparidade operacional, a atividade artística nasce da percepção de que o que é problemático é o próprio mundo e não uma situação. O problema ao qual se refere a atividade artística é o problema da percepção do mundo

como disparatado em sua totalidade.

O problema artístico do homem diz respeito ao hiato, à tendência ao aumento da diferença (por causa da persistência e recorrência), ao hiato, à incompatibilidade e descontinuidade (divergência, incongruência e quebra da relação) entre a percepção da desordem do mundo e a exigência psíquica de ordem. A percepção de desordem pode ser entendida como ausência de um todo que integre os acontecimentos e também como hiato, brecha, descontinuidade dos acontecimentos, o que significa que um acontecimento é percebido como não tendo relação com qualquer outro. A descontinuidade do mundo (melhor, a percepção dela) é entendida como anomalia ou estranheza (ou como absurda, fantástica ou maravilhosa - nomes que têm a ver com a noção de desordem). A atividade artística constrói a significação a partir do pressuposto de que a ordem não está dada, mas que é preciso constituir-la. A arte não revela a ordem, nem a mostra, mas a constitui. Ela não pode construí-la em sua totalidade, ela não pode fazer Mundo. Talvez, a arte seja a atividade que mostra que se o mundo é ordem, ela é apenas uma ordem possível. A arte mostra que há muitos tipos de ordem, muitos conceitos de ordem; ela pluraliza a ordem. Ela é a atividade de possibilitação do real.

A atividade artística pode ser pensada a partir não da resolução de um problema de incompatibilidade determinada, nem é uma mediação de resolução de uma situação de descontinuidade ou hiato operacional determinada entre duas realidades disparatadas, mas a resposta a um problema perceptivo. Podemos dizer que o artista tem a impressão da presença de hiatos e das descontinuidades do mundo como um todo e não de uma situação dada. Não podendo se integrar à totalidade, ele a cria, esta é sua solução de arte, a solução intermediária, o desvio, a solução para a percepção da incompatibilidade constitutiva do mundo. A arte é uma maneira do ser vivo resolver um problema inerente à sua relação ao mundo: o problema da percepção da descontinuidade do todo. A arte será a atividade de criação de mundos que tenta superar o problema da exigência de ordem e a percepção das continuidades e hiatos do mundo. Os mundos artísticos serão as diferentes maneiras de organizar as continuidades e superar os hiatos percebidos no mundo pelo artista.

Como, para Simondon, a obra de arte não pode preservar realmente no mundo a reticulação mágica, pois ela não pode substituir as técnicas e as religiões, o que seria recriar a magia, ela (re) constrói um mundo. A obra de arte se refere à totalidade do mundo, percebido como disparatado. Sua atitude é tentar reconstruir para a percepção esta totalidade a partir da construção de um mundo paralelo entre mundo e homem, a obra de arte. Se o objeto técnico é uma interface operacional, o objeto artístico é um mundo como interface

significacional. A arte será a atividade que insere mundos intermediários enquanto interfaces significacionais entre o homem e o mundo. O problema da significação expresso no hiato entre percepção de desordem e exigência psíquica de ordem é o que gera a atividade artística. Ela é uma maneira de resolver este hiato, e o faz pela fabulação de mundos.

Assim, se a tecnologia é a atividade produtora de objetos mediadores entre a disparidade do organismo e o meio constituindo a realidade técnica como um universo de mediações operatórias, a atividade artística é a produtora de objetos mediadores enquanto mundos que permitem “resolver” a percepção da disparidade existente no mundo como um todo e a exigência psíquica de ordem constituindo a realidade artística como um universo de mediações significativas: as obras de arte. O conceito de invenção também é válido no domínio da atividade artística. A obra de arte é feita para superar o problema da percepção das continuidades e hiatos do mundo e para isso o artista cria um mundo. A obra de arte deve ser pensada como mundo.

Se o objeto técnico é aquilo que restitui a continuidade operacional do homem em relação ao meio, aparando para ele as diferenças de ordens de grandeza entre ele e o meio, a atividade artística restitui subjetivamente, para o homem, a percepção de ordem por meio da simulação de uma ordem. Mas como isto é conseguido? A atividade artística cria e permite acessar um mundo, o mundo da obra internamente ordenado. Mas como este acesso permite ao homem resolver seu problema de significação? A realidade artística é uma mediação entre mundo subjetivo e mundo objetivo, este último percebido como incompatível e por causa disso deverá ser (re) construído imaginariamente para que o organismo não se desagregue do ponto de vista subjetivo e psíquico. A necessidade de ordem, mesmo que repostada imaginariamente é uma exigência do vivo. Se “pela invenção, a compatibilidade interna intrínseca do organismo se estende a uma situação que, primitivamente, como problema, não realiza esta compatibilidade”, pela arte a percepção da compatibilidade do todo como critério de ordem que é exigida pelo homem é (re) constituída pela simulação de um mundo ficcional ou imaginário. Assim, como a ferramenta e o instrumento mediam a relação entre o homem e o meio, a obra de arte media a relação do homem, sua ordem interna e compatibilidade intrínseca, com o mundo, percebido como desordenado e descontínuo. A obra de arte é um objeto que é criado para produzir outra percepção do ou de mundo no sentido de compreendê-lo como cosmos, como ordem projetada em uma obra. A atividade artística constitui ordens possíveis de mundo embutidas em materiais do que chamados de mundo atual. Ao fazer isto, a atividade artística pluraliza a significação, a significação de como o mundo é e poderia ser. Com isso a arte ‘relativiza’ os

acontecimentos díspares tornando-os apenas possibilidades que se realizaram por causa de determinada ordenação das coisas. Acontecimentos são sempre relativos a um determinado tipo de ordem e se referem a ela. Caso o mundo tenha uma ordem determinada isto explica tal ou tal acontecimento.

A obra de arte como determinado tipo de mediação que tenta resolver um problema de hiato entre a necessidade de ordem e percepção de incompatibilidade, de hiato e de descontinuidade do mundo como tal. A invenção artística, também, seria uma resposta a um problema, o problema da percepção da descontinuidade e incompatibilidade do mundo como um todo. É que, quando ocorre algo díspar é preciso integrá-lo em uma ordem que o signifique. Assim, o que atividade artística faz é disponibilizar diferentes noções de ordem experimentáveis e é por causa disso que, ela, como atividade de criação de mundos, resolve o problema do hiato entre percepção e significação. Se o objeto técnico é uma interface operacional, o objeto artístico é um mundo como interface significacional. A arte será a atividade que insere mundos intermediários enquanto interfaces significacionais entre o homem e o mundo.

A realidade artística é uma mediação entre mundo subjetivo e mundo objetivo, este último percebido como incompatível e por causa disso será (re) construído imaginariamente para que o organismo não se desagregue do ponto de vista subjetivo e psíquico. A necessidade de ordem, mesmo que reposta imaginariamente é uma exigência do vivo.

A arte resolve o problema do hiato entre percepção e significação constituindo um conjunto de mediações “ilusórias: os “mundos paralelos” e intermediários entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. As obras de arte são interfaces significacionais. Há duas maneiras da arte resolver o problema da significação. O primeiro se refere ao problema da visão integradora do todo. Neste caso a obra de arte é criada para produzir outra percepção do ou de mundo no sentido de compreendê-lo como cosmos, como ordem projetada em uma obra. Como não há totalidade (ou a percepção dela), é preciso construí-la, e construí-la simulando um mundo ordenado e apto a ser experienciado. Ou seja, como o mundo deveria ser para que algo assim ocorresse, ou como o mundo é, caso isto deva ter um sentido, ou seja, saber como o mundo é para que isso tenha sentido acontecer. Ao imaginar um mundo que suporta tal ou tal acontecimento podemos compreender tantos “absurdos” quantos artistas originais existirem. Com a descrição desse mundo pela arte podemos compará-lo ao mundo em que vivemos. “Então, o problemático desaparecerá na medida em que você acolhe tanto um fato como o outro”. O que era problemático passa a ter um sentido porque foi encontrada uma ordem geral significativa. O que se cria com outra ordem instanciada na obra de arte é a relativização das

medidas, das medições. Outras medidas, outros significados. “Se seu mundo caiu, você que aprenda a se levantar, quem sabe, num mundo maior”. Se não podemos nos adaptar às medidas de nosso mundo, que procuremos uma, que alargue os limites do nosso mundo, que descubramos o “país das maravilhas”. O que as referências dos infinitos mundos possíveis fornecem à arte são modelos de ordem que subsumem acontecimentos ditos problemáticos em nosso mundo. Pode até haver dor, sofrimento, injustiça, desordem, mas todos estes eventos tem sentido, e tudo por causa da existência das obras de arte. Elas são cenários para eventos possíveis ou para eventos de nosso mundo que não podem ser significativos. Assim, os mundos artísticos são as diferentes maneiras de organizar as continuidades e superar os hiatos do mundo real percebidos pelo artista. A necessidade de que haja sentido no mundo é preenchida por meio da construção de narrativas alternativas para as diversas situações percebidas como não havendo coerência, continuidade, consistência e compatibilidade. Tais narrativas permitem ao homem integrar aquelas situações em sistemas de ordens possíveis. Os mundos seriam, então, cenários possíveis que acolheriam os hiatos percebidos no mundo real como um todo; o que permitiriam integrá-los em ordenamentos alternativos concebidos pelo artista. As obras de arte permitem explicar os hiatos simulando mundos aonde existem leis que permitem integrá-los em um todo. A busca pelo sentido é orientada pelas seguintes perguntas: como será que o mundo deva ser para que tal coisa aconteça? Como ele deveria ser para que tal coisa acontecesse ou pudesse acontecer? Trata-se de formular uma imagem de mundo a partir de uma noção geral de ordem com o objetivo de integrar determinados acontecimentos a esta ordem geral. Trata-se de saber como o mundo deve ser ou deveria ser para que tal fato ocorresse. Com isso a arte ‘relativiza’ os acontecimentos díspares tornando-os apenas possibilidades que se realizaram por causa de determinada ordenação das coisas, já que os acontecimentos são sempre relativos a um determinado tipo de ordem e se referem a ela. Caso o mundo tenha uma ordem determinada isto explica tal ou tal acontecimento. Quando ocorre algo díspar é preciso integrá-lo em uma ordem que o signifique. E isto é feito pela atividade artística.

Podemos dizer, modificando um pouco o que Simondon disse sobre a atividade estética, que a atividade artística realiza a tendência do homem a buscar a totalização de sua experiência. A função de totalização e de lembrança da unidade são as tarefas da arte. Ela difere de outras atividades porque tal função é preenchida de maneira ‘ilusória’, já que “ela busca esta totalidade do pensamento recompondo a unidade por uma relação analógica”. Assim, como dissemos que esquemas operacionais são abstraídos da natureza e embutidos em objetos que passam a valer como aqueles esquemas

operacionais, o que implica que sua valência é análoga aos esquemas 'naturais', podemos dizer que as obras de arte, valem como realidades 'totalizadas' ou se quisermos como realidades com sentido. Ou valem pela realidade. Mas, como vimos, fazendo uma torção no pensamento de Simondon, a atividade artística satisfaz "às vezes e de maneira ilusória" a tendência do homem a buscar, o "complemento em relação à totalidade", ou se quisermos a continuidade e coerências das coisas em um todo. "A obra de arte fornece o equivalente do pensamento mágico". O pensamento mágico pode ser caracterizado como a compreensão da imediação resiliente e reticular entre todas as coisas, ou adaptação imediata reticular. A arte faz isso porque a partir de uma situação de disparidade (entre percepção e significação) e por analogia (estrutural e qualitativa) ela propõe uma continuidade universalizante das situações e de outras realidades possíveis. "A obra de arte refaz um universo reticular, pelo menos para a percepção". Não se trata de uma reconstrução, já que "o universo estético é parcial, inserido e contido no universo atual". Trata-se de buscar o equivalente (daí a noção de analogia, aquilo que vale como) da totalidade mágica, da reticulação e resiliência 'imediata'. Cria-se, assim, pela arte um análogo da rede mágica do universo. E ela faz isto, segundo Simondon, construindo um mundo como se (ele) fosse semelhante à rede mágica, o que significa um mundo com sentido. A atividade artística utiliza o poder de aplicação dos objetos técnicos ao mundo natural para fazer o mundo da arte. A atividade artística em vez de produzir uma nova reticulação do mundo, cria e permite acessar um mundo, o mundo da obra internamente reticulado e ordenado. Um objeto artístico é, assim, um suporte de experiências de outras possibilidades de ordens, de mundos. Toda obra de arte projeta e permite acessar um mundo. Mas o que são mundos artísticos? E o que significa dizer que se trata de uma "satisfação ilusória"? Se as obras de arte são intermediários (mundos paralelos) entre o mundo e o homem, e se elas envolvem o conceito de ilusão, então, elas são um conjunto de mediações "ilusórias". As obras de arte são interfaces significacionais ilusórias ou disponibilidades significacionais ilusórias.

Ao construir um mundo, o artista constitui uma ordem que permite integrar em uma totalidade, os diferentes tipos de acontecimentos, inclusive aqueles que foram vivenciados como não tendo lugar na ordem do mundo real. Assim, toda obra de arte é construção de sentido, de uma ordem que integra a percepção de diferentes tipos aparentes de descontinuidades e incompatibilidades. É como se no mundo criado pelo artista, diferentes tipos de incompatibilidade pudessem ser explicitadas e ganharem sentido. O artista é aquele que formula outros mundos possíveis com diferentes tipos de ordem. Estes mundos seriam, assim, cenários possíveis que acolheriam os hiatos

percebidos no mundo real como um todo. Este acolhimento permitiria integrá-los em ordenamentos alternativos. As obras de arte permitem explicar os hiatos simulando mundos aonde existem outras leis que permitem integrá-los em um todo.

## **Conclusão**

A compatibilidade interna intrínseca do organismo, por meio dela (a invenção), se estende a uma situação que, primitivamente, como problema, não realiza esta compatibilidade, seja do ponto de vista operacional: o meio se torna extremo e disparatado energeticamente em relação ao homem, seja do ponto de significacional: o meio se torna não mais significativo em relação ao esquema significativo primordial. A arte, então, deve enfrentar o problema da significação de outra maneira, já que parece que o hiato agora se refere a um esquema significativo inicial e a continuidade da percepção de desordem no mundo. Simplesmente, o mundo não cabe no símbolo religioso. É preciso constituir outras hipóteses de como o mundo é. E talvez seja isto que gera a atividade artística. A especificidade da atividade artística é projetar, embutir, analogicamente um mundo em um material do mundo real. É inserir uma hipótese de como o mundo pode ser no próprio mundo através da produção de um mundo paralelo ao mundo chamado de real. A obra de arte cria um pequeno mundo como hipótese de como o mundo real pode ser e como ele pode existir. Ela cria uma maneira de existir de um mundo. A mediação entre homem e mundo torna-se ela mesma um mundo, a estrutura do mundo. Se o problema técnico pode ser caracterizado pela disparidade operacional, o problema artístico, pela disparidade significacional e se a dimensão técnica de um objeto pode ser caracterizada pela disponibilidade de funcionamento operacional, a dimensão artística de um objeto, pela disponibilidade significacional, então, pode-se dizer que a forma da invenção técnica (a teoria em geral do problema) serve de paradigma para a criação em outros domínios e que a filosofia da técnica de Simondon, interpretada de certa maneira permite configurar uma constelação de conceitos que podem permitir pensar a convergência conceitual entre técnica e arte- grande desafio do pensamento contemporâneo.

Propomos que esta noção de problema pode ser aplicada à gênese de várias atividades humanas. A atividade tecnológica nasce da interpretação operacional deste problema. A realidade técnica nasce da descontinuidade operacional entre homem e meio. Já a atividade artística também nasce de um tipo de hiato, disparidade e incompatibilidade significacional. A atividade

artística nasce da busca da resolução de uma disparidade entre a exigência do vivo de ordem e a percepção de desordem do mundo, ou seja, da percepção da disparidade, descontinuidade e hiato no mundo como um todo. A arte trata do problema da significação, expresso no hiato entre percepção de desordem e exigência psíquica de ordem.

### **Referências Bibliográficas**

SIMONDON, G. *Imagination et Invention*. (1965-1966). Chatou, Le Édition de la Transparece, 2008.

\_\_\_\_\_. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier-Montaigne, 1989.